



www.delfimsantos.org

[Delfim Santos]

Jacinto do Prado Coelho (1966)

Lisboa: *O Tempo e o Modo* 43-44, nov.-dez., 1088-1089.

Decorridos dois meses sobre a morte de Delfim Santos, é muito cedo para fazermos um juízo de conjunto sobre a sua obra filosófica e pedagógica, aliás em grande parte dispersa, carecida duma edição integral que abranja os inéditos. Quem o conheceu de perto sente a tentação de perguntar como se teria realizado, que ação intelectual poderia ter exercido se não fosse «a associação numerosa das mediocridades» a que se refere Jorge de Sena no livro sobre Camões e ~~que constitui uma 'torre inexpugnável' para todos os espíritos europeus nascidos em Portugal~~. Porque a verdade é esta: se Delfim Santos permanece, na recordação e na obra que deixou, uma presença virtualmente fecunda, a sua influência na reforma da escola e da mentalidade portuguesas ficou infinitamente aquém do que poderia e deveria ter sido. O mesmo sucedeu com outro isolado, de bem diversa personalidade: António Sérgio. Casos exemplares que se oferecem à meditação daqueles poucos que a «*associação numerosa*» estigmatiza.

Após um curso brilhante na Faculdade de Letras do Porto, Delfim Santos foi longos anos bolseiro e leitor na Áustria, na Alemanha, na Inglaterra, seguiu cursos e conferências de K. Bühler, Husserl, Piaget, Klages, N. Hartmann, Heidegger, etc., publicou em Berlim, em 1938, sob o título *Situação Valorativa do Positivismo*, um dos mais notáveis estudos da nossa bibliografia filosófica. E depois? A sua vida intelectual foi de tensão, de luta, de incompreensão, nos arredores da 'torre inexpugnável'. Paradoxalmente, teria sido a sua formação europeia atualizada demais? Indo mais fundo às raízes do desencontro, poderia interessar uma congeminação filosófica viva, criadora, num país onde umas vezes se confunde filosofia com história das ideias, outras vezes se vendem por filosofia os produtos arbitrários duma imaginação adolescente, nutrida no subdesenvolvimento mental? Poderia convir a sua conceção de Política, *lato sensu*, como Pedagogia — coisa um pouco menos fácil que considerar a Pedagogia uma forma, *scripto sensu*, de política? O tempo vital em que Delfim Santos, como pensador, se inseriu não era, com efeito, o tempo inventado no plácido vergel onde o monge se deixou enfeitiçar pelo canto do passarinho; vimo-lo sintonizado com uma época de crise (e esta não era uma palavra que o assustasse, porque crise é sintoma de vida, de transformação, de risco que ponha à prova as indefinidas virtualidades do Homem); conhecemo-lo como espírito inquieto que, amando e



www.delfimsantos.org

respeitando o real, procurando captá-lo na sua dinâmica polimorfia, fez do homem concreto e lábil, situado *hic et nunc*, o fulcro de todas as suas reflexões. Ao mesmo tempo juvenil e angustiado, ao ponto de aceitar a angústia como processo salutar de humanização, repudiou as fórmulas feitas letais, as ideias imutáveis que esterilizam e mascaram. Definindo a filosofia pela *«consciência da diversidade ontológica do universo»*, entendeu a educação como autoeducação, quer dizer, autodescoberta e conquista da autenticidade, conseguidas através do convívio, da colaboração, do diálogo, já que – ensinava – *«personalidade não é só originalidade, mas também comunidade»*. ~~Ideias, como se vê, extremamente incômodas, que podem ter a autoriza-las a meditação e a pesquisa pedagógicas dos últimos cento e cinquenta anos, de Pestalozzi a Carl Rogers, mas em perfeita contradição com o dirigismo que tímidas e delicadas educadoras advogam entre nós, procurando resolver (?) os problemas pela implantação na escola da disciplina da caserna.~~ Valeu a pena? Eu creio que sim, até para glosar o poeta, mas sobretudo para ser fiel à lição de idealismo e de esperança que, em tempos difíceis, o humanismo generoso de Delfim Santos nos legou: *«Criemos, pois, uma escola ao serviço da vida, isto é, como propunha Pestalozzi, uma escola em que sobretudo se aprende a aprender. Então poderá ela realizar o mais fundo e o mais fecundo ensino que é possível, tornando-se uma oficina de homem e não uma fábrica de autómatos»*.

Jacinto do Prado Coelho

~~texto cortado pela censura prévia~~